

## CARACTERIZAÇÃO DAS COMUNIDADES RURAIS DA SUB-BACIA DO RIO CALHAUZINHO EM ARAÇUAÍ, NO MÉDIO JEQUITINHONHA

Eixo 3: Território e territorialidade nos debates climáticos ambientais

DANIELA LUIZ SILVA<sup>1</sup>

BERNARDO VAZ DE MACEDO<sup>2</sup>

THIAGO VASCONCELOS MELO<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa as comunidades a montante e a jusante da barragem do rio Calhauzinho, a fim de compreender as dinâmicas do sistema produtivo dos lavradores das comunidades. A barragem se encontra localizada no município de Araçuaí no Médio Jequitinhonha no estado de Minas Gerais. Observou-se que as comunidades, mesmo estando em uma região semiárida que enfrenta desafios com a escassez hídrica, destacam-se pela notável diversidade de sua produção. Com um sistema social e produtivo profundamente vinculado à terra e às relações sociais, no qual se interconectam com as dinâmicas de trabalho, com as diversas práticas produtivas, reprodução cultural, vínculos sociais, padrões de consumo e a gestão dos recursos naturais.

**Palavras chaves:** Sistema produtivo, água, plantar, família, Córrego Narciso.

**ABSTRACT:** This article analyzes the upstream and downstream communities of the Calhauzinho River dam to understand the dynamics of the farmers' productive system. The dam is located in the municipality of Araçuaí, in the Middle Jequitinhonha region of Minas Gerais state. It was observed that these communities, despite being in a semiarid region facing water scarcity challenges, stand out due to the remarkable diversity of their production. Their social and productive system is deeply intertwined with the land and social relationships, interconnecting with work dynamics, diverse productive practices, cultural reproduction, social bonds, consumption patterns, and natural resource management.

**Keywords:** production system; water; planting; family; Narcissus Stream.

## INTRODUÇÃO

O rio Calhauzinho está localizado no município de Araçuaí, na região conhecida como Médio Vale do Jequitinhonha do estado de Minas Gerais. O rio percorre diversas comunidades rurais até se encontrar com o grande rio Araçuaí, na cidade ele separa alguns bairros periféricos da maior parte da cidade.

Assim como a cidade é fragmentada em bairros, o rural é fragmentado em comunidades, mas com uma lógica diferente. Pois, no rural são espaços de pertencimento dos moradores. As

<sup>1</sup> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1726004546109904>. E-mail: [daniela.lui@ufvjm.edu.br](mailto:daniela.lui@ufvjm.edu.br).

<sup>2</sup> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0834574606662911>. E-mail: [bernardovmac@hotmail.com](mailto:bernardovmac@hotmail.com).

<sup>3</sup> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8863529994485374>. E-mail: [thiago.melo@ufvjm.edu.br](mailto:thiago.melo@ufvjm.edu.br).



comunidades abrigam a terra, a propriedade, a família, a produção, a alimentação, a relação social, a troca e a venda, a escola, a igreja e mercearia.

A água, os rios e córregos são importantes instrumentos que são parte integral das comunidades rurais. A relação água e a moradia é entrelaçada pela oportunidade de produzir e de viver das famílias. E quando se trata de comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha essa relação é acompanhada por vivência que dita a rotina de vida das famílias, ao passo que é uma região que foi muito explorada, hora pelos colonos, fazendeiros e hora pelas mineradoras. Nesse sentido, estudar essas comunidades que resistem nesses aglomerados é uma forma de entender um modo de vida totalmente diferente da cidade, mas que traz consigo muito significado atrelado a identidade de cada comunidade e que mantém a população no campo,

Nesse sentido, entendendo que cada região possui as suas peculiaridades e que o país possui uma grande heterogeneidade. Este trabalho possui como objetivo realizar uma breve análise das comunidades a montante e a jusante da barragem do Calhauzinho<sup>4</sup>, a fim de compreender as dinâmicas do sistema produtivo dos lavradores das comunidades. A presente pesquisa é um desdobramento da pesquisa realizada entre 2020 a 2023 com os produtores do projeto de piscicultura na barragem do rio<sup>5</sup> Calhauzinho em Araçuaí, que originou este estudo.

## **AS COMUNIDADES A MONTANTE E A JUSANTE DA BARRAGEM DO CALHAUZINHO**

A partir do processo de invasão, exploração e ocupação do Vale do Jequitinhonha foram surgindo as comunidades rurais. Segundo Ribeiro *et al.* (2013), a gênese das comunidades rurais no Alto Jequitinhonha reside na convergência de laços familiares, memórias e a relação intrínseca com a terra. Essa aglutinação de propriedades familiares em núcleos de vizinhança evoluiu para o que

---

<sup>4</sup> A barragem do rio Calhauzinho, construída pela Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), foi inaugurada em março de 1991 (Minas Gerais, 2010). Inicialmente administrada pela Fundação Rural Mineira (Ruralminas), sua gestão é atualmente de responsabilidade da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA).

<sup>5</sup> O rio Calhauzinho nasce na Serra da Crupiara, mais precisamente na comunidade das Neves, em Araçuaí, a cerca de 45,4 km da cidade. Com uma extensão de 54,42 km, seu curso atravessa os municípios de Novo Cruzeiro e Araçuaí. Da sua área de drenagem total de 605 km<sup>2</sup>, aproximadamente 508 km<sup>2</sup> (84%) estão em Araçuaí, enquanto os 97 km<sup>2</sup> restantes (16%) pertencem a Novo Cruzeiro. A sub-bacia do rio Calhauzinho é alimentada por sete córregos afluentes. Na margem esquerda, estão os córregos Diamantino, Palmital, Fundo, Aguada Nova e Curuto. Na margem direita, localizam-se os córregos Tesouras e Narciso (Minas Gerais, 2010). Não obstante, todos os sete enfrentam a seca anualmente.



conhecemos como comunidade rural, quase sempre identificada pelo nome do curso d'água vital ou do pioneiro que ali se estabeleceu. Galizoni, por sua vez, enfatiza as seguintes características dessas comunidades

No Médio Jequitinhonha, as comunidades rurais são unidades de demarcação territorial e de relações sociais, conduzidas pelos próprios lavradores. São pautadas por relações de parentesco, compadrio e vizinhança, organizadas e participativas, que procuram criar soluções próprias para seus problemas (Galizoni *et al.*, 2020, p. 59).

Graziano e Graziano Neto (1983), observam que a população camponesa se estabeleceu em comunidades dispersas pelo interior do Vale do Jequitinhonha. Essas comunidades podem se apresentar como aglomerados de casas em torno de espaços religiosos e comerciais, ou como moradias isoladas em pequenos lotes dentro das grotas, com um centro comunitário que geralmente inclui uma escola, uma igreja e alguns estabelecimentos comerciais. Sobre os laços sociais e políticos que estruturam essas comunidades, os autores destacam o seguinte:

Entretanto, os laços sociais e políticos que caracterizam a comunidade são os componentes mais importantes da mesma. Os laços de caráter pessoal, que se manifestam através das práticas de ajuda mútua, de vizinhança, de reciprocidade, de compadrio, de parentesco, ao lado das práticas, religiosas e festivas, constituem a maneira pela qual a comunidade ganha sentido através das quais se faz presente (Graziano e Graziano Neto, 1983, p. 93).

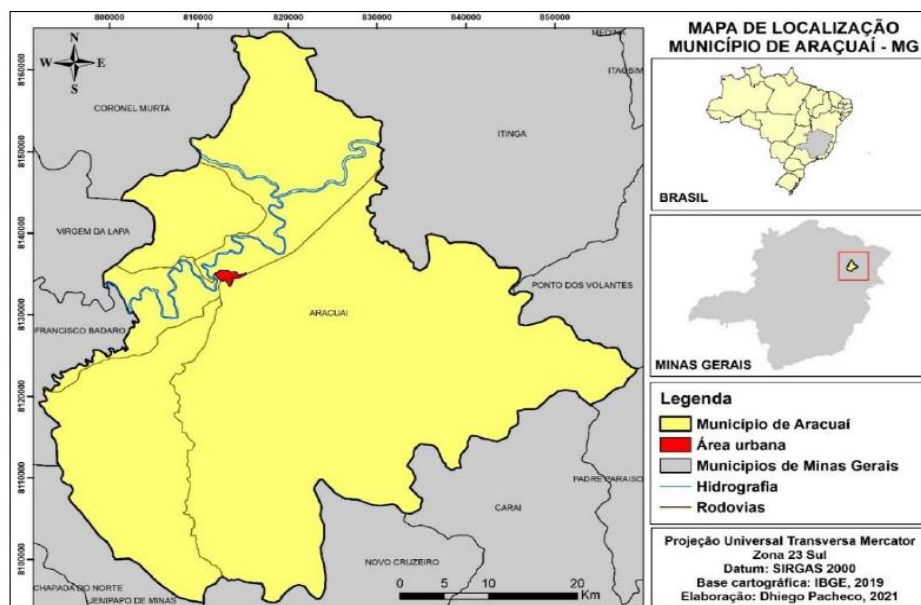
A barragem do Calhauzinho se encontra localizada no município de Araçuaí<sup>6</sup> no Médio Jequitinhonha. O município possui mais de 67 comunidades rurais (Galizoni *et al.*, 2020). Em relação a localização das comunidades de Araçuaí, algumas se encontram tão remotas da sede municipal que seus moradores frequentemente optam por se deslocar aos centros de outros municípios vizinhos, como Caraí e Novo Cruzeiro, para acessar serviços e comércio. As comunidades também exibem distintas configurações: algumas se organizam em aglomerados maiores, caracterizados pela presença de casas, escolas, igrejas e mercearias, sendo denominadas povoados; enquanto outras se caracterizam pela dispersão das propriedades, sem um núcleo central definido. Essa dinâmica da distribuição geográfica das moradias dos lavradores e das próprias comunidades reflete diretamente o processo

<sup>6</sup> Araçuaí possui um clima semiárido, e apresenta uma temperatura média de 25,89°C. As chuvas se concentram entre novembro e janeiro, embora com variações anuais, resultando em um longo período de estiagem. Existem cinco rios que são vitais para a economia e o social do município: Araçuaí, Piauí, Gravata, Setúbal e o rio Calhauzinho (PEREIRA *et al.*, 2003). Além disso, o município possui uma área de 2.236,279 km<sup>2</sup>, com uma população estimada pelo IBGE de 2022 de 34.297 pessoas. E 35% da população se encontrava no meio rural e 65% no meio urbano (IBGE, 2010). Além disso, de acordo com o último Censo Agropecuário do IBGE de 2017, 83,2% dos 2.589 estabelecimentos agropecuários de Araçuaí são de agricultura familiar.



histórico de ocupação da região. Muitas famílias, buscando refúgio, se estabeleceram em terras distantes e desocupadas, adentrando as matas e fixando residência em locais afastados das estradas e dos centros comerciais da época. O Mapa 1 apresenta a localização da área urbana, ou seja, a cidade de Araçuaí.

**Mapa 1-** Localização do município de Araçuaí, Médio Jequitinhonha



Fonte: Pacheco (2021).

A sub-bacia hidrográfica do rio Calhauzinho compreende cerca de 23 comunidades, com 19 situadas no município de Araçuaí e 4 em Novo Cruzeiro, abrigando uma população estimada em 7.350 famílias. As principais nascentes dos córregos que formam a sub-bacia localizam-se na Chapada do Lagoão (Bronazatto *et al.*, 2001). O Mapa 2 ilustra a distribuição dessas comunidades a montante e a jusante da barragem de Calhauzinho, permitindo visualizar o curso do rio até a barragem e, posteriormente, seu trajeto até a cidade, onde conflui com o rio Araçuaí. Embora o mapa destaque sete córregos afluentes do Calhauzinho, possivelmente devem existir outros. Adicionalmente, o ribeirão das Almas é frequentemente referido como Diamantino. A área da Chapada do Lagoão<sup>7</sup> que

<sup>7</sup> De acordo com Caires e Vieira (2011), a Chapada do Lagoão está localizada no município de Araçuaí, possuindo 24.180,0 hectares. Por sua vez, a lagoa está localizada em uma Área de Proteção Ambiental – APA, criada na década de 1990, que abrange um conjunto de lagoas. Sendo que, a lagoa do Lagoão é a maior e abrange uma área de aproximadamente 211 ha, a lagoa da Lapinha abrange 154 ha e as duas lagoas intermitentes possuem juntas aproximadamente 105 ha. Segundo os autores a APA é o berçário das águas de Araçuaí, bem como uma excelente opção de renda para as famílias extrativistas do local. Sua conservação caracteriza-se como uma importante estratégia de



também é evidenciada no mapa é reconhecida pelos conflitos fundiários iniciados no final da década de 1970 (Leite, 2015), que ameaçavam as posses e as condições de reprodução dos moradores das comunidades locais.

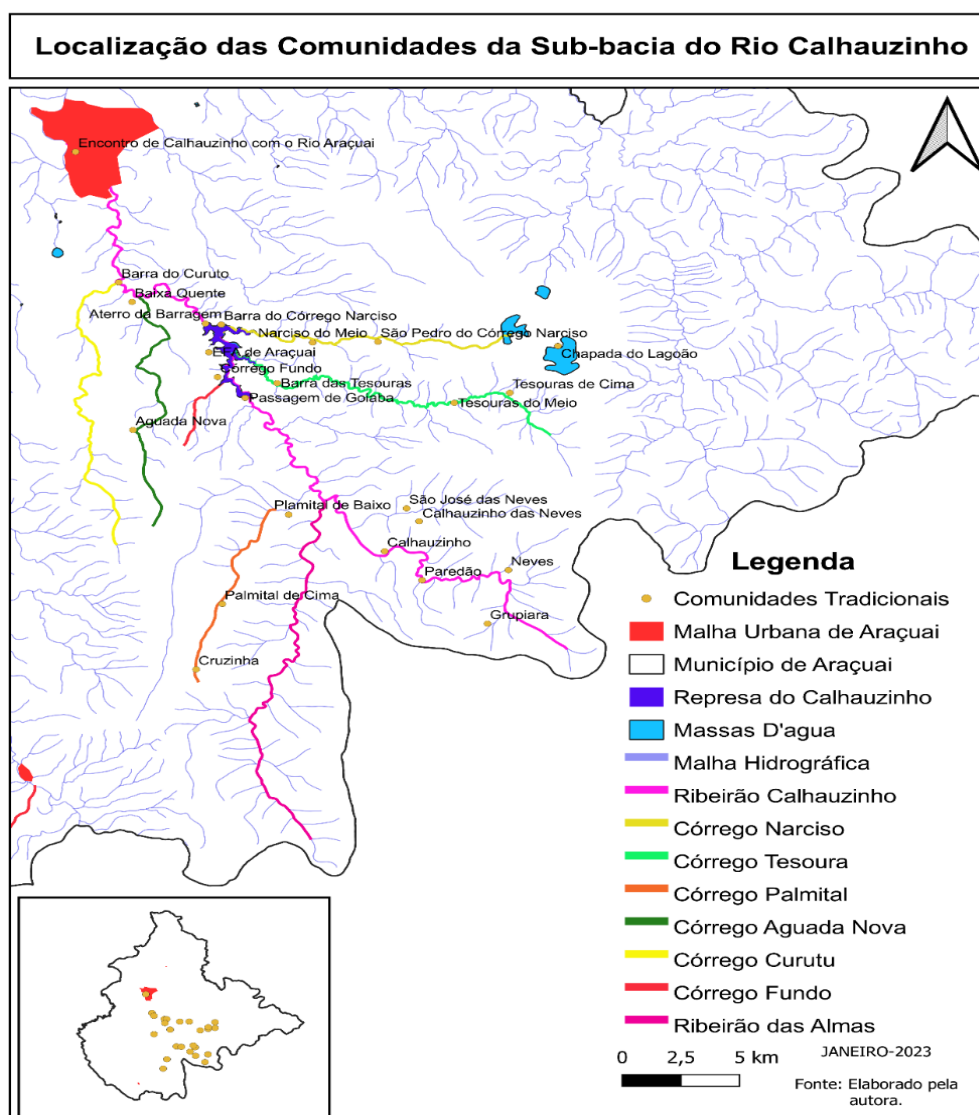
Em algumas comunidades, a dispersão das propriedades é tão acentuada que as mesmas são informalmente subdivididas em duas ou três partes, frequentemente denominadas "de Cima", "do Meio" e "Barra", como se observa nos casos das comunidades Córrego Narciso e Tesouras. Em certas situações, devido à grande distância de suas residências em relação ao núcleo principal da comunidade, os moradores adotam um nome diferente para se referirem ao seu local de moradia, nome este que não consta nos registros oficiais. Observa-se também a ocorrência de moradores que se filiam à associação comunitária de uma comunidade vizinha, motivados pela maior proximidade geográfica, como no caso de alguns residentes de Córrego Narciso que são associados à comunidade de Salitre.

#### **Mapa 2**– Localização das comunidades da Sub-bacia do Rio Calhauzinho pertencentes a Araçuaí

---

convivência com a seca em função do abastecimento do lençol freático e a manutenção das nascentes. De acordo com IFNMG (2025), a APA, é reconhecida como um patrimônio ambiental de valor inestimável, destaca-se pela abundância de recursos hídricos, contando com mais de 100 nascentes mapeadas e situada na zona de transição entre dois biomas de grande relevância: o Cerrado e a Caatinga. A área também abriga comunidades tradicionais quilombolas e populações locais que mantêm vínculos históricos e culturais profundos com o território. Contudo, vale destacar que agora em 2025 a APA está sendo espaço de discussões ferrenhas entre a prefeitura municipal de Araçuaí que propôs o projeto de Lei Nº 02, de 7 de fevereiro de 2025. Com o intuito de realizar alterações na área de abrangência da APA, em um período em que a exploração do lítio vem avançando na região.





Fonte: Silva (2023).

A região que abrange a comunidade Tesoura é banhada pelo córrego Tesouras, um curso d'água intermitente que cessa seu fluxo durante a estação seca. Moradores locais relatam que o nome do córrego reflete essa característica, pois frequentemente "cortava" o fornecimento de água. De maneira similar, a comunidade do Curuto também deriva seu nome de um córrego com regime intermitente (Pereira *et al.*, 2003). O fenômeno da seca em córregos e rios foi agravada pela combinação de ações antrópicas predatórias, como a pecuária extensiva e as monoculturas de eucalipto. Diante desse cenário, torna-se imperativa a adoção de práticas conservacionistas na gestão



dos recursos naturais, abrangendo desde a manutenção e preservação dos ecossistemas existentes até a recuperação de áreas já degradadas.

Segundo Bronzatto *et al.* (2001), no passado a terra se caracterizava-se por uma terra fértil, que garantia abundância de alimentos, além de recursos hídricos em seus córregos e uma biodiversidade rica nas matas. Em seu relato, Dona Augusta, moradora local da comunidade Lajinha, destacou que, durante sua infância, as famílias limitavam-se a adquirir na cidade apenas itens essenciais, como sal, fósforo e querosene. A maior parte dos recursos utilizados e consumidos provinha diretamente da natureza, evidenciando um sistema de subsistência profundamente integrado ao meio ambiente. Portanto, houve uma ruptura e o cenário mudou, ocasionando problemas como a escassez hídrica e a fertilidade da terra é questionada.

Conforme relato de uma moradora local, a região enfrenta atualmente um declínio acentuado nos índices pluviométricos. Ela recorda que, em décadas anteriores, múltiplos mananciais abasteciam a área, mantendo reservatórios perenes que garantiam abundância de recursos hídricos e produtividade agrícola. No entanto, nas últimas décadas, a intensificação de períodos de estiagem alterou radicalmente esse cenário, resultando em escassez crônica de água e na precarização das condições socioambientais do território (Vaz de Macedo, 2019).

Originalmente, a região da sub-bacia do Calhauzinho era caracterizada por grandes fazendas com numerosos agregados. Com o tempo, essas terras foram sendo partilhadas entre os herdeiros dos fazendeiros e, posteriormente, muitas foram vendidas a terceiros. Esse processo contínuo de divisão hereditária e venda resultou na fragmentação das propriedades, diminuindo progressivamente a extensão de terra possuída por cada proprietário (Bronzatto *et al.*, 2001).

Em sua tese de doutorado, Vaz de Macedo (2019) analisa a comunidade Córrego Narciso do Meio e destaca como a figura do 'agregado' e sua vinculação com a terra ocupam um lugar central nas narrativas locais. Apesar do desaparecimento das antigas grandes fazendas e da transformação histórica que levou os lavradores a deixarem de ser agregados, as memórias desse período seguem vivas entre as algumas gerações, que preservam as histórias transmitidas por seus pais.

As terras da comunidade Córrego Narciso estão situadas próximo ao aterro da barragem do Calhauzinho, onde a Barra do Córrego Narciso deságua e delimita o entorno do reservatório. Moradoras/es de Córrego Narciso do Meio consideram a barragem parte do território da comunidade,



pois de uso tradicional desde muito antes da construção da barragem em 1990. Nesse território, estão localizadas a Escola Família Agroecológica de Araçuaí e um dos maiores cultivos de banana da região. Registros históricos indicam que a comunidade Córrego Narciso foi originalmente dividida em três núcleos: São Pedro do Córrego Narciso, Córrego Narciso do Meio<sup>8</sup> e Barra do Córrego Narciso. O córrego Narciso nasce na Chapada do Lagoão percorre extensas áreas da comunidade e deságua na parte baixa da barragem do Calhauzinho. Contudo, seu leito permanece seco na maior parte do ano, sendo perene apenas durante a estação chuvosa (Vaz de Macedo, 2019).

O topônimo da comunidade Córrego Narciso remete não apenas ao curso d'água que a atravessa, mas constitui uma honraria a Narciso, um homem negro que habitou na região em períodos primórdios, conforme registrado no testemunho oral de um de seus moradores de 92 anos de idade:

Chama Córrego Narciso porque... chamava Córrego de Santo Antônio... o mapa Córrego Santo Antônio [es]tá em Minas Novas. Araçuaí era Minas Novas. O dono deu pro Santo padroeiro. Aí quando deu uma certa altura [altura], deve ser que o padre vendeu o Córrego pra um homem que chamava Narciso. O padre vendeu pra Narciso Rodrigues... comprou da barra à cabeceira... por um conto de Réis. Narciso fez a casa no meio do córrego, pra ficar mandando pra cima e pra baixo. Aí Narciso foi vendendo os pedaços. Isso é coisa que está quase com duzentos anos. (Camilo de Salvino, 92 anos) (Vaz de Macedo, 2019, p. 46).

Dentre as comunidades da sub-bacia do rio Calhauzinho, Córrego Narciso destaca-se por possuir uma associação comunitária formalmente constituída desde o início dos anos 1990, além de reconhecimento oficial como território quilombola (Lopes *et al.*, 2015). A liderança da associação de Córrego Narciso era exercida por duas mulheres, ocupando os cargos de presidente e vice-presidente. Conforme Vaz de Macedo (2019), o padrão de ocupação territorial da comunidade segue a dinâmica do córrego homônimo: as residências estão distribuídas a uma distância média de 50 a 100 metros do leito, ocupando margens, encostas e topos de morros, com espaçamento variável entre 30 e centenas de metros entre os domicílios. Essa configuração reflete a adaptação histórica às características geomorfológicas locais.

## OS SISTEMAS PRODUTIVOS E ORGANIZAÇÃO SOCIAL NAS COMUNIDADES DA SUB-BACIA DO RIO CALHAUZINHO

<sup>8</sup> Em 2015 a comunidade recebeu a certificação de remanescente quilombola, entregue pela Fundação Cultural Palmares, com o processo Córrego do Narciso do Meio N° processo no INCRA 01420. 010889/2014-69 (Fundação Cultural Palmares, 2022).



A marcante presença da mão de obra familiar nos sistemas produtivos das comunidades rurais, é um ponto importante no modo como as famílias se organizam dentro das propriedades. Outro ponto importante é a organização da divisão da localização do plantio de cada cultura. Nas comunidades da bacia do rio Calhauzinho predominam os minifúndios, onde as terras mais baixas e próximas aos córregos, como os tabuleiros, se mostraram ideais para a agricultura devido à sua planície, maior fertilidade e umidade (Minas Gerais, 2010).

Nessa perspectiva, os sistemas produtivos das unidades domésticas são constituídos pela família. De acordo Freire (2001), a família é considerada como um grupo de pessoas de diversas idades, gêneros e de diferentes posições, unidas por laços sanguíneos, de parentesco ou dependência, que estabelecem relações marcadas tanto por afeto e solidariedade quanto por conflitos e tensões. A autora considera, portanto, uma unidade fundamental para a reprodução biológica e social, dado a transmissão de valores e costumes, e também ideológica e econômica.

Ribeiro *et al.* (2013) observaram que a família constitui o alicerce fundamental dessas sociedades rurais do Vale do Jequitinhonha. Essas famílias se agregam em comunidades, tecendo laços de parentesco, moldando o ambiente, organizando o espaço e compartilhando uma história comum para formar unidades de reprodução cultural e de técnicas materiais, além de promoverem a troca de bens e a prática da dádiva. Tanto a família quanto a comunidade são depositárias de um rico histórico de convivência, aprendizado e experimentação, acumulando um acervo respeitável de conhecimentos sobre o meio.

A atividade de plantar, colher e produzir um produto de forma artesanal pode envolver toda a família, como destaca Freire (2001, p. 62), na roça: “Geralmente, trabalham homem e mulher, pela própria dificuldade de pagar ajudantes”. Na produção de farinha de mandioca, o preço recebido pela venda não compensa que se paguem camaradas; de modo que quase todos os membros de uma família, inclusive crianças, participam da produção, principalmente descascando a mandioca e torrando a massa; outros membros da comunidade.

Quando há demanda por apoio em atividades produtivas e a família possui condições financeiras, opta-se pela contratação de um camarada-a-dia. Nesses casos, formaliza-se um contrato ou acordo temporário para a realização de uma tarefa específica dentro de um prazo estabelecido, com remuneração fixada em valor monetário ou em espécie (Graziano; Graziano Neto, 1983).



Nessa mesma perspectiva, Vaz de Macedo (2019) notou que em Córrego Narciso, há algumas expressões bastante empregada, como exemplo: “É um pelo outro” e “Dar um digitório” (variação de “adjutório”). A primeira refere-se a trocas baseadas na complementaridade de habilidades, como na divisão de tarefas durante a produção de farinha de mandioca ou na permuta de feijão por abóboras, em que cada parte compensa as limitações da outra. Já a segunda expressão denota uma ajuda ágil e descompromissada, distinta do mutirão tradicional, conforme ilustrado em diálogo entre o morador Mário e Cona (Vaz de Macedo, 2019, p. 288).

Bernardo: E mutirão...

Cona: Ela [Das Dores] falou “Eu vou ajudar vocês”... E dá cova, que nem homem.

Mário: Das Dores é boa de enxada, meu fi[lho].

Cona: Ajudou eu plantar aquela mandioca ali, ó. Dá n’ocasião de festa aí eu ajudo limpar frango. Nós já limpamos até [até] 13 frangos eu mar [mais] Das Dor[es]. Reparte um bocado lá ni Nenga... Eu sei assar um frango da hora, ó. Nem ela pagava pra mim... eu conzinei mais ela lá o dia inteiro no dia do casamento, né... quando foi o dia d’eu plantar minha mandioca, ela veio me ajudar. Nem eu cobre dela, nem ela cobrou de mim.

Bernardo: É digitório...

Cona: Não. Digitório já é diferent[e]. Digitório você vai lá e se você querer ficar 2 minutos é um digitório que você deu, né. Vam[os] supor, se tiver na tenda de farinha... Mutirão é assim: você vai na roça, ajuda ele plantar a roça dele... depois a hora que terminou a dele, aí ele vem ajudar a gent[e]. Aí é mutirão. Mas digitório é... se você ficar lá dois minutos... Mutirão, enquanto num completar [completar] aquele serviço que você foi fazer... é mutirão. Mas digitório, a hora que você quer vim embora você vem, né.

Bernardo: Mutirão é mais compromisso.

Mário: Eles veio aqui uma vez ajudar eu plantar lá ni mãe... nós plantou 10 medida de mi[lho]... Tinha muita gente... Os meninos de Pio, Cá d’Alberto, Miguel...

Cona: Nós ajudamos Miguel, ajudou povo de Pio, e depois povo de Pio e Miguel veio ajudar nós. Depois nós plantamos meio alqueire de mi[lho], lá no deles.

Mário: E deu mi[lho], meu fi[lho]. Deu um mizim [milhozinho] bom.

Bernardo: E o almoço?

Cona: Cada um vem almoçar na casa deles.

Mário: É bom. Que dá uma força boa, viu. Querer plantar a roça tudo d’uma vez, você pranta. A lavoura.

Cona: As plantas nascem iguais [do mesmo tamanho], né...

Algo bastante perceptível nas interações dos moradores das comunidades de Araçuaí, se baseia na dinâmica das trocas entre eles e a doação do excedente para outro, isso é perceptível na pesquisa do Vaz de Macedo (2019), mas também quando se visita as comunidades. Existem certas práticas que são quase um ritual para visitantes. Uma delas é convidar o visitante para conhecer a propriedade, nisso o anfitrião faz questão de conduzir o visitante por uma demonstração detalhada das plantações, colhendo amostras durante o percurso que, ao final, são ofertadas ao convidado como gesto simbólico. E mesmo quando o visitante já conhece a propriedade, realiza-se o passeio para



apresentar as mudanças recentes, o que tem de novo e analisarem as plantações e trocarem experiências com uma e outra produção que possuem em comum.

As comunidades localizadas às margens da barragem do Calhauzinho apresentam uma produção marcada pela notável diversidade. Seus sistemas alimentares abrangem um amplo sistema de produção de alimentos, conforme evidenciado por Pereira *et al.*, (2003), que registraram a coexistência de produção agrícola – com cultivos de fumo, milho e feijão – e pecuária extensiva na comunidade de Tesouras de Cima.

Por outro lado, outras condições além da diminuição das chuvas também parecem afetar as dinâmicas de produção, como aquelas relacionadas a inovações tecnológicas e às ocupações de crianças e jovens (diferenças geracionais). Enquanto o uso de um tanquinho de lavar roupas alivia e libera mulheres para realizarem outras atividades (“Tanquinho... cê tá limpando casa, fazendo comida...”) (Vaz De Macedo, p.297, 2019). O uso atual de motor elétrico para ralar mandioca descascada foi precedido pelo motor à óleo diesel ou à gasolina, pela roda tocada manualmente e à forma mais elementar de ralar manualmente e em pequena quantidade em um ralo feito de lata e pregos. Na comunidade de Tesouras do Meio, há uma tenda comunitária de farinha onde a torração é feita em um tacho tocado com pás elétricas; enquanto em Córrego Narciso do Meio, cada casa costuma ter uma tenda onde se torra a massa ralada de forma manual no tacho. Na comunidade Baixa Quente havia uma tenda de farinha, mas há alguns anos pararam de produzir farinha.

Na região da sub-bacia do Calhauzinho, os tabuleiros são reconhecidos como as áreas mais férteis para cultivo agrícola. Nessas terras, os agricultores desenvolvem uma produção diversificada, incluindo culturas como milho, feijão, cana-de-açúcar, hortaliças, mandioca, fumo, frutas e forragens para alimentação animal (Bronzatto *et al.*, 2001). Entretanto, essa dinâmica pode variar conforme o dimensionamento das propriedades, uma vez que existem moradores que não dispõem de tabuleiros em suas terras e aqueles que dispõem de outras áreas ideais para o cultivo de determinada cultura.

O cultivo do fumo é praticado em determinadas comunidades da região, onde a planta demonstra adaptabilidade ao clima árido predominante. Além disso, os agricultores adotam o sistema de consórcio, integrando-o a outras culturas agrícolas (Bronzatto *et al.*, 2001), como melancia e abóbora. O processo de transformação do fumo em produto final envolve diversas etapas, desde o cultivo até o beneficiamento. Essa cadeia produtiva é tradicionalmente desempenhada por meio do trabalho coletivo familiar, envolvendo múltiplos familiares. Vaz de Macedo (2019) detalha o processo de



produção artesanal do fumo em uma unidade produtiva familiar localizada no Córrego Narciso do Meio, onde os moradores dominam técnicas tradicionais transmitidas geracionalmente:

“A manhã e a tarde foram dedicadas a “moiar” (juntar as folhas em molhos)<sup>9</sup>, e destalar (retirar o talo das folhas), o fumo, e o início da noite a fiá-lo. Como eram de duas a três mulheres e um homem destalando e dois homens fiando [...]” (Vaz de Macedo, 2019, p. 28).

O cultivo da mandioca constitui uma prática quase integralmente difundida entre as famílias da sub-bacia do Calhauzinho, onde assume papel central na subsistência local. Além do consumo humano direto – preparada cozida ou frita –, a mandioca é destinada à alimentação animal e ao processamento de derivados, como o polvilho e a farinha. Essa última, em especial, é produzida nas tendas de farinha (Bronzatto *et al.*, 2001).

A Figura 3 ilustra a colheita de mandioca na comunidade Córrego Narciso. O transporte da produção é realizado por tração animal, utilizando balaio como recipientes. Observa-se na figura que a colheita ocorre predominantemente no período de estiagem, como indicado pela vegetação circundante com características de ressecamento.

**Figura 3** – Registro da produção e colheita da mandioca



Fonte: Lopes *et al.* (2015).

<sup>9</sup> - “Moiar”, não como variação de “molhar”, mas do tupi antigo *moíar*: “pregar, colar, soldar, grudar” – (NAVARRO, 2013: 289).





A produção de farinha de mandioca, conforme Vaz de Macedo (2019), é um processo que envolve a participação de toda a família nas etapas de descascar, ralar, prensar, torrar e peneirar. Na comunidade de Neves, a fabricação artesanal e manual de polvilho no paredão é uma técnica antiga, com equipamentos frequentemente construídos pelas próprias famílias (Bronzatto *et al.*, 2001). A Figura 4 demonstra a torra da farinha de mandioca na comunidade Córrego Narciso.

**Figura 4** – Produção da farinha de mandioca e produção de horta



Fonte: Lopes *et al.* (2015)

As produções das famílias passam pelo estágio de produção, armazenamento, distribuição e consumo, além de remessas para parentes em migração. Nesse contexto, a fase de distribuição ocorre principalmente por meio da comercialização na feira livre de Araçuaí. Os autores Souza, Santos e Freire (2023) destacam que esse espaço representa uma expressiva vitrine da agrobiodiversidade regional, uma vez que, por ser resultado de uma construção coletiva, sua dinâmica não se limita a aspectos econômicos e ambientais, mas também integra dimensões sociais, culturais e espirituais.

De modo geral, as feiras livres no Vale do Jequitinhonha desempenham um papel crucial para os agricultores, pois não apenas conectam os alimentos aos estilos de vida dos consumidores, mas também promovem relações mais próximas entre quem produz e quem consome. Além disso, esses espaços:

[...] exibem a força de costumes vivos na sociedade, promovendo a comunhão do abastecimento com o território. Desse modo, relacionam alimento, ou segurança alimentar, com cultura material, identidade e gosto, ou seja, com soberania alimentar. Além disso,

636



representam mercados de dimensões expressivas, quando computada a população do país abastecida com essa produção familiar (Cruz *et al.*, 2022, p2).

Sendo as quartas e sábados os dias de maior atividade na feira livre de Araçuaí, atualmente moradoras de Córrego Narciso do Meio levam para vender hortaliças, feijão, farinha, beiju... enquanto há vinte ou trinta anos era costume subir a chapada às terças e sextas-feiras para coletar pequi e outros produtos, como vassoura de coquinho, jaca, araçá, raízes, para levar caminhando a pé até a cidade com a carga na cabeça ou transportada em um balaio por animal; muitas vezes esses produtos sendo trocados por ossos e sebo de gado ao final da feira para serem quebrados e cozidos voltando à comunidade. A moradora Marta costumava ir a pé à feira de Carai vender ou trocar esteiras de palha de bananeira que ela trançava.

Na região, a produção de cana-de-açúcar é predominantemente voltada para a fabricação de rapadura, açúcar mascavo e cachaça, além de servir como forragem para o gado. Na comunidade de Tesouras, em particular, a produção de cachaça é bastante expressiva (Bronzatto *et al.*, 2001).

Em relação ao cultivo de feijão e milho, o plantio é uma prática anual em quase todas as comunidades, realizada no início do período chuvoso. A maior parte da produção destina-se ao consumo familiar e à alimentação dos animais. O excedente, por sua vez, é frequentemente comercializado ou armazenado em paióis (Bronzatto *et al.*, 2001). Há também o "feijão da seca", plantado e colhido no final das chuvas, entre fevereiro, março e abril. De acordo com Vaz de Macedo (2019), a atividade de debulhar o feijão catador com as mãos é algo que é feito “quase como uma atividade secundária ao desenrolar de uma conversa ou “fazendo alguma coisa”, geralmente conversando com outra pessoa ou assistindo à televisão no estender da madrugada, em uma atmosfera de devaneio (Vaz de Macedo, 2020, p.77). E em relação ao milho, ele também costuma ser debulhado as espigas na mão, mas quando a colheita é grande costumam colocar as espigas dentro de um saco e depois batê-las.

Em relação às hortas, muitas delas são cultivadas para o consumo próprio, com o excedente sendo comercializado. Assim, os agricultores e agricultoras levam para a feira uma variedade de produtos, como frutas, legumes, verduras, doces, bebidas e plantas medicinais, cuja oferta varia conforme a época do ano. Frutos coletados na chapada pelos moradores, como pequi e cagaita, também são vendidos nas feiras (Bronzatto *et al.*, 2001).



A produção em larga escala nas comunidades da região é concentrada em poucos empreendimentos, como o cultivo de bananais pertencente a um grande proprietário rural e empresário local, situado às margens da barragem. Esse monocultivo utiliza água do reservatório de forma intensiva, contrastando com a realidade de famílias que residem a poucas centenas de metros do lago e enfrentam escassez hídrica para atividades produtivas. Essas famílias dependem de tanques de armazenamento e cisternas de captação de água pluvial – um contraste que evidencia conflitos socioambientais ligados à gestão hídrica desde a construção da barragem, pauta central de reivindicações da Associação do Córrego Narciso do Meio desde a década de 1990. Além do bananal, destacam-se outras atividades de maior escala na região, como a produção da cachaça Tesourinha e fazendas dedicadas à pecuária extensiva, que ocupam áreas significativas do território local.

Por fim, vale ressaltar que as estratégias de reprodução social das famílias rurais vêm sofrendo modificações, muitos dos processos de produção tradicionais estão se ressignificando (Vaz de Macedo, 2019). Dado que, muitos dos moradores já estão idosos, aposentados, sem a possibilidade de sucessores e outros se mudaram para a cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as comunidades rurais da sub-bacia do rio Calhauzino, no Vale do Jequitinhonha, em especial no município de Araçuaí revela para além das paisagens semiáridas e dos desafios impostos pela natureza e pela ação humana. Pulsa um sistema social e produtivo intrinsecamente ligado à terra e às relações interpessoais, se entrelaçam entre as dinâmicas do trabalho, práticas produtivas, reprodução cultural, relações sociais, consumo e recursos naturais.

Percebe-se que a água foi e continua sendo um elemento central na dinâmica do sistema produtivo dos lavradores das comunidades, que acabou por definir, não somente a localização geográfica das comunidades, mas que também todo o sistema produtivo.

Em suma, fazer este olhar para as comunidades rurais, como Córrego Narciso, nos leva a olhar um modo de viver peculiar carregado de memória afetiva de suas ancestralidades e que foram se ressignificando e se adaptando com o passar das décadas. Vale ressaltar, que questão como o trabalho da mulher e crianças e o aspecto da formação histórico ligada fortemente aos negros e



indígenas, não foi possível discutir neste trabalho, mas tiveram um papel importante que moldaram o sistema produtivo das comunidades.

## REFERÊNCIAS

- BRONZATO, A.; RIVEIRA, A. S. P.; LEITE, D. T. F.; NOGUEIRA, G.M. **Gestão participativa de recursos hídricos no Vale do Jequitinhonha: estudo de caso**: sub-bacia do rio Calhauzinho, 2001.
- CAIRES, S. M.; SOUZA, D. V. Zoneamento ambiental da APA Chapada do Lagoão-Araçuaí- MG. **Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia** – Fortaleza/CE – 12 a 16/12/2011 11269. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 6, No. 2, Dez. 2011
- CRUZ, M. S.; RIBEIRO, E. M.; PERONDI, M. A.; ARAUJO, A. M.; MALTEZ, M. A. P. F. **Comprando qualidade**: costume, gosto e reciprocidade nas feiras livres do Vale do Jequitinhonha. Revista de Economia e Sociologia Rural, 2022. 60(spe), e245926.
- FREIRE, A. G. **Águas do Jequitinhonha**: a gestão coletiva dos recursos hídricos pelos agricultores de Turmalina - Alto Jequitinhonha/MG. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) - Universidade Federal de Lavras; Lavras, 2001.
- FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação Quilombola**. Disponível em: [https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](https://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em: 25 abr. 2022.
- GALIZONI, F. M., RIBEIRO, E. M., LIMA, V. M. P., GOMES, N. P., & SILVA, E. P. F. **“Vozes da seca”**: lavradores, mediadores e poder público frente à estiagem no semiárido do Jequitinhonha mineiro. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 55, 54-74. 2020.
- GRAZIANO, E.; GRAZIANO NETO, F. **As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha**, Perspectivas, 6:85-100, São Paulo, 1983.
- INSTITUTO FEDERAL DO NORTE DE MINAS GERAIS (IFNMG). **Nota à Comunidade sobre a Área de Proteção Ambiental Chapada do Lagoão**. Disponível em: <https://www.ifnmg.edu.br/mais-noticias-aracuai/698-aracuai-noticias-2025/36690-nota-a-comunidade-sobre-a-area-de-protecao-ambiental-chapada-do-lagoao>. Acesso em 1 de abril de 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): **Censo Agropecuário 2017, 2018**. Brasília: IBGE, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010.
- LEITE, A. C. G. **O campesinato no Vale do Jequitinhonha: da sua formação no processo de imposição do trabalho à crise da (sua), reprodução capitalista**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia), - Programa de Pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2015.
- LOPES, E. F.; FABRY, C. F. S.; AMARAL, P. A. A. **Caracterização da comunidade córrego Narciso- Lagoa do Boi Morto**, (Relatório não publicado) 2015.



MINAS GERAIS, **Plano diretor de recursos hídricos da Bacia Hidrográfica do rio Araçuaí**, Relatório final, Vol. II, Consultora: Gama Engenharia, Maceió, 2010.

NAVARRO, E. A. **Dicionário de Tupi Antigo**: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

PACHECO, D. G. Análise das mudanças do uso e ocupação do solo no município de Araçuaí, Minas Gerais por meio de sensoriamento remoto nos anos de 2000 e 2019. **Revista Cerrados**, Montes Claros - MG, v. 19, n.02, p. 303-322, jun/dez. 2021. DOI: 10. 46551/rc24482692202128.

PEREIRA, A. M; ALMEIDA, M. I; LEITE, M. E. **Considerações acerca da degradação ambiental no município de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha**. Unimontes Científica, [S. /l.], v. 5, n. 2, 2003.

RIBEIRO, E. M. (orG.). **Sete estudos sobre a agricultura familiar do Vale do Jequitinhonha**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SILVA, D. L. **Projeto de piscicultura no Vale do Jequitinhonha**: análise sociocultural e histórica. 125 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Rurais) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2023.

SOUZA, A. C.; SANTOS, W. S.; FREIRE, A. G. **Sábado, Dia de Feira em Araçuaí**: vitrine da agrobiodiversidade do Médio Jequitinhonha, *Revi Vale | Araçuaí* | v. III | n. 2 | jul. 2023/dez. 2023.

VAZ DE MACEDO, B. **“Papagaio velho não pega língua mais, não”**: estuciando o jeito de falar e de fazer, o jeito de ser, no quilombo Córrego do Narciso do Meio, Vale do Jequitinhonha (MG). 2019. Tese (Doutorado em Sociologia), – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Trabalho tal como aparece nas experiências de sujeitos no quilombo Córrego do Narciso do Meio, Vale do Jequitinhonha (MG)**. *HISTÓRIA ORAL*, v. 23, p. 67-90, 2020.